



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

5920 - Pôster - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 06 - Formação de Professores

### A PESQUISA PARTICIPANTE NO DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO POPULAR: UM CAMINHO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

Maurício Cesar Vitória Fagundes - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Larissa da Rosa Moraes - 10ª CRE - Coordenadoria Regional de Educação do Rio de Janeiro

Gabriela Almeida Mota - UFPR - Universidade Federal do Paraná

### **A PESQUISA PARTICIPANTE NO DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO POPULAR: UM CAMINHO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE**

A temática que ora apresentamos e defendemos neste estudo é a construção de processos de formação docente continuada, por meio da pesquisa participante e em estreito diálogo com a educação popular freireana. Entendemos que a formação, quando desenvolvida nessa propositura, carrega a possibilidade de superação do modelo de formação docente continuada, que de forma geral, tem se constituído em momentos pontuais, fragmentadas, na forma de palestras, monocráticas, em discursos generalistas e descontextualizados das realidades dos docentes em formação.

Evidentemente que essa característica formativa, não é exclusividade da formação continuada, mas é um processo que inicia na formação inicial, nas universidades ou faculdades, no momento da formação do licenciado(a), futuro(a) professor(a). Nesses espaços, salvo raras exceções, a formação segue um currículo pouco ou nada flexível, estagnado e generalista, onde há pouco planejamento coletivo e escuta dos estudantes.

Os egressos dessas formações, ao assumirem a profissão docente passam a lecionar em escolas de educação básica, onde são alocados em turmas, anos (séries), cursos, disciplinas singulares, com os currículos, geralmente engessados, pouco discutidos e quando os são, raramente se remetem a dimensão de totalidade que envolve o Projeto político pedagógico da escola, que por definição legal da LDBEN 9394/96, deverá conter uma proposta político-pedagógica de formação humana de seus sujeitos.

Essa lógica de formação, distanciada da vida, da cotidianidade de seus sujeitos, tem reforçado o ensino na perspectiva tradicional, que Freire (1987) define como educação bancária, baseado na pura transmissão de conhecimentos desconexos com a realidade das/os estudantes e suas famílias, conseqüentemente gerando apatia e desinteresse. Freire (1987, p. 59) define educação bancária como um

ato de depositar, transferir, de transmitir valores e conhecimentos, [...] onde o educador é o que educa; os educandos, os que são educados; o educador é o que sabe; os educandos não sabem; o educador é o que pensa; os educandos, os pensados; o educador é o que diz a palavra; os educandos, os

que escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados; o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição; o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador; o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais são ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele [...]; o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos meros objetos.

Para que possamos avançar na construção de caminhos de superação do ensino bancário e fragmentado, a pesquisa em curso, que dá origem a este artigo, tem discutido com o coletivo de docentes da rede pública de um município do Paraná, o desenvolvimento de um processo de formação e ação docente, que tem como pressuposto de investigação o ciclo gnosiológico freireano e a emancipação humana (FREIRE; SHÖR, 1986), aportados na pesquisa participante e na educação popular.

Embasados nestas referências, neste artigo temos por objetivo problematizar as possibilidades e limites da formação docente, por meio dos saberes populares na educação do e no campo, assumindo a Agroecologia como grande tema gerador para as discussões.

O instrumento metodológico é a pesquisa participante (BRANDÃO, 2001), em que os sujeitos participam da investigação como investigadores e estudiosos. A pesquisa participante como metodologia visa o desenvolvimento autônomo a partir das bases concretas de suas realidades. Entende-se que a ciência é apenas um produto cultural do intelecto humano que responde às necessidades coletivas concretas, não podendo haver valores absolutos no conhecimento científico porque este irá variar conforme os interesses específicos das classes envolvidas na formação e acumulação de conhecimento, ou seja, na sua produção. A finalidade é examinar este processo de conhecimento científico em vez do produto final, levando em conta suas aspirações e potencialidades de conhecer e agir. Pretende-se a construção de subsídios, aportados na realidade concreta das escolas de rede pública municipal como possibilidade de melhor qualificar a ação docente na relação direta com a escola e com a comunidade.

Ao propor um processo de formação docente continuada com professores da educação do campo, elegemos coletivamente, a agroecologia como o grande tema gerador.

A opção pela agroecologia como tema gerador do processo de formação docente continuada dos educadores do campo se deu, principalmente, por ser uma nova e dinâmica ciência, que refere-se ao estudo da agricultura desde uma perspectiva ecológica levando em conta as dimensões: econômica, social, ecológica, cultural, política e ética; com características transdisciplinares integrando conhecimentos de diversas outras ciências e incorporando o conhecimento tradicional, este sendo validado por meio de metodologias científicas com métodos não-convencionais, valorizando o conhecimento popular.

A agroecologia tem um histórico de trabalho mútuo do ser humano com a terra, tendo a partir dessa relação uma busca por uma convivência equilibrada nas dimensões ambientais, sociais, econômica, ética e cultural. Altieri (2004, p. 23) amplia o conceito de agroecologia, integrando a essa nova abordagem “os princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo”. Nesse aspecto carrega-se um entendimento do respeito as diferenças, da justiça social, da soberania alimentar, da sensibilidade cultural do reconhecimento das identidades individuais e coletivas, que permeiam a vida humana.

Anunciávamos no início deste texto que outro elemento central deste processo de formação continuada docente era a educação popular. A educação popular, desde o princípio carrega uma postura crítica frente ao sistema vigente (dominante), especialmente, sobre as

formas tradicionais de educação de adultos e dos trabalhos agenciados de desenvolvimento de comunidades.

Na construção de conhecimentos a partir da concepção de educação popular, não é preciso abrir mão do conhecimento sistematizado historicamente, pois ele é também indispensável. Nesse caso, a grande diferença é que ele entrará na construção de novos conhecimentos de forma dialogada com os conhecimentos e cultura popular, não como verdade absoluta. Há, assim, mediação de uma posição política crítica de quem conhece sua situação dentro de uma sociedade de classes. Os conceitos do conhecimento sistematizado passam a ser mediadores, “fazem a ponte entre a inteligência e a experiência vivida, eles iluminam o conteúdo já pressentidos no interior da prática” (FREIRE; NOGUEIRA, 2009, p. 30).

Nesta perspectiva, recuperada pelos autores, a educação popular, demonstra sua atualidade quando se pensa em um processo formativo que empodere o docente, recuperando sua trajetória histórica na relação com o meio onde vive. Ou seja, evidenciando sua importantíssima ação política na formação escolar e na formação societária. A cultura, enquanto produção social, é elemento político de diálogo com os territórios, por ser a representação da diversidade e dos saberes populares. As representações culturais são responsáveis pela construção de um povo, sendo assim, a cultura é memória e ela deve compor os espaços educativos (FREIRE; NOGUEIRA, 2009).

Nesta proposta de formação docente continuada, assumida por meio de uma pesquisa participante, tendo a educação popular no diálogo com a Agroecologia como grande tema gerador, realizamos com os docentes um recorte, privilegiando um trabalho através do feitio de composteira, hortas e identificação de PANCs (Plantas Alimentícias Não Convencionais).

Para isto o primeiro passo foi o trabalho coletivo onde pode-se observar e reconhecer as potencialidades de cada sujeito em determinadas funções. O trabalho coletivo em si é uma contraposição ao sistema bancário de educação, que sempre nos colocou a competir e ser melhor do que aqueles que estão no mesmo espaço educativo, sendo assim, fortalecemos uns aos outros para que todos pudessem construir e reconhecer que fazem parte desse processo e que se algo foi construído foi graças ao empenho de todos em diferentes formas de atuação. Estas experiências pedagógicas têm abrangido diversas áreas do conhecimento, aplicando-se conceitos e princípios da ecologia para controle fitossanitário, de modo que os alimentos cultivados sejam sadios ao consumo humano.

Por meio da discussão da história das sementes crioulas que são protegidas pelas comunidades tradicionais e garantem a qualidade, autonomia e segurança alimentar, busca-se compreender o seu contraditório e a realidade econômica que o gera, entendendo assim o que é um alimento não saudável e quais os males dos mesmos para a vida, possibilitando debates sobre o que são as sementes transgênicas e o porquê que essas sementes geneticamente modificadas, produzem nas camponesas e camponeses processos não autônomas, de dependência. A modificação das sementes as tornam fracas e propensas aos insetos não benéficos, sendo assim a/o agricultora/o terá que investir em agrotóxico/veneno para exterminar os insetos, é um ciclo insustentável que traz consequências, principalmente a extinção das comunidades tradicionais e de seu modo de vida.

Essa discussão levou a outro tema, o solo. Este, por sua vez ao ficar exposto aos venenos que são colocados nas plantas, acabam degradando sua saúde, e quando um solo não é saudável o alimento não é saudável e conseqüentemente o ser humano não é saudável.

Ter o entendimento de todos esses processos fez com que essas práticas pedagógicas dos(as) educadores(as) do campo, ganhem sentido e se vejam como protagonistas da

construção de uma educação que respeite a vida, o meio ambiente, que seja interdisciplinar por entender que tudo se dá em uma totalidade orgânica.

Acerca das possibilidades deste processo formativo, temos percebido como resultados parciais, que a temática agroecologia na escola, ao ser problematizada em uma perspectiva de totalidade, tem proporcionado uma releitura crítica dos processos de produção dos alimentos e da vida no campo, e estes uma relação estreita com os conteúdos curriculares de sua escola. Tem revelado um posicionamento crítico na relação com o meio ambiente, provocando um movimento de busca de uma formação crítica e enraizada nas comunidades/espços do campo e urbano.

Como limites deste processo formativo, tem ficado explícito a dificuldade dos(as) docentes transformar as reflexões em ações didático-pedagógicas no dia-a-dia na sala de aula. Embora já realizem alguns processos pontuais nessa direção.

Por fim, embora esta pesquisa ainda esteja em curso, é possível perceber que este processo de formação docente continuada tem provocado os docentes e a comunidade escolar a assumirem seu papel de protagonistas do processo educacional, evidenciando que podem construir sonhos ou destruí-los. Está sendo um processo em que as/os educadoras/educadores estão compreendendo as contradições e as novas possibilidades que existem, buscando a tessitura de uma educação que incentive os educandos a pensarem sobre as próprias vivências.

#### **PALAVRAS-CHAVE:**

Formação Docente. Pesquisa Participante. Educação Popular. Emancipação Humana. Diálogo dos saberes.

#### **REFERÊNCIAS**

ALTIERI, M. A. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4.ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

BRANDÃO, C.R. **Pesquisa participante**. São Paulo: Ed Brasiliense, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 18. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P.; NOGUEIRA, A. **Que fazer: teoria e prática em educação popular**. Petrópolis: Vozes, 2009.

FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. **Medo e ousadia. Cotidiano do professor**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.